



AO DOMINGO

Choca-o a polémica com os cartazes virtuais do Bloco sobre Jesus e a adoção?



Clara Almeida Santos
Vice-reitora
da Universidade
de Coimbra

“Fico sobretudo assustada com a infantilidade do Bloco de Esquerda. Legitimamente adquirido o direito de adoção de crianças por casais do mesmo sexo, não faz sentido nenhum “celebrar” desta forma o feito. As campanhas fazem-se para vencer causas, para lutar por ideais. Alcançada a meta, a pirraça em nada dignifica quem a pratica. Sendo agora um dos partidos de um novo figurino de arco da governação e tendo deixado cair algumas das reivindicações de quando era oposição, esta atitude do Bloco de Esquerda parece um quase desesperado “Olhem para nós, que irreverentes que ainda somos”. Como dizia o outro, não havia necessidade. ●●



Elisa Ferreira
Eurodeputada
do PS

“Os assuntos que tocam a religião são sempre de grande sensibilidade. No caso vertente, não vejo, sinceramente, nenhum valor acrescentado num cartaz que surge já depois da aprovação da legislação relevante. Penso que não foi a estratégia mais inteligente da parte dos promotores do cartaz, mas também acho que é um assunto que rapidamente desaparece, espero eu, porque a sua relevância é reduzida e não acrescenta propriamente nada ao tema em debate. Em resumo, é um cartaz que não me choca, mas relativamente ao qual não vejo de facto nenhum valor acrescentado e penso que teria sido mais interessante não o terem feito. ●●



Sebastião Feyo de Azevedo
Reitor
da Universidade
do Porto

“Os cartazes são de tal forma impróprios, seja qual for o ângulo pelo qual se analisem, que a própria liderança do Bloco já veio a público reconhecer que foram ‘um erro’. Podia lavar daqui as minhas mãos na resposta, chamar-lhe ‘humor’, desvalorizar e fechar o assunto. Mas, não o devo fazer. Escrevi neste jornal, em 3 de novembro de 2015, um artigo subordinado ao tema ‘Não à radicalização’. Este episódio, com a devida adaptação, enquadra-se nesse ambiente que alguns querem criar e que temos de combater com a serenidade e firmeza que caracterizam o modelo democrático, aberto e plural, que a esmagadora maioria dos portugueses defende. Como se percebe por mais este sinal, não todos. Claro que os crenentes têm razão especial para reagir. Mas, gostaria de colocar a questão a outro nível, incluindo crenentes, agnósticos ou ateus, enfim todos os seres humanos deste Mundo. Trata-se de rejeitarmos todos os que radicalizam pensamentos, de uma forma geral gente que não respeita o próximo. ●●